

**Apontamentos da Escola de Comunidade com Julián Carrón
Milão, 20 de fevereiro de 2019**

Texto de referência: L. Giussani, Porquê a Igreja, Tenacitas, Coimbra 2016, pp. 276-279

- *Along the Jordan River*
- *Il popolo canta*

Gloria

Continuamos o nosso percurso sobre a “santidade”, enfrentando as outras duas características (para além do “milagre”), que são o “equilíbrio” e a “intensidade”. Surgiram muitas perguntas.

No nosso grupo de Escola de comunidade tivemos dificuldade em compreender o que é existencialmente o equilíbrio. Em particular, não nos é clara a relação entre a unidade e o equilíbrio, que são sintomas da eficácia da Igreja nas suas várias declinações (unidade da consciência, de explicação da realidade e de posição perante a vida), e o equilíbrio, que é um dos sinais de reconhecimento da santidade na Igreja. Então, as nossas perguntas são estas: o equilíbrio é uma consequência da unidade? O equilíbrio é a unidade que compreende a dimensão do eterno e chega ao ponto de abraçar morte? Pedia-te que nos desses algum exemplo. A mim, de qualquer forma, veio-me à cabeça a carta que nos mandaste quando nos comunicaste a morte da tua mãe.

Escutando os cantos que acabámos de ouvir, recebeste alguma sugestão de resposta a estas tuas perguntas?

Ehm... Sì.

Porque quando uma pessoa tem uma pergunta é mais capaz de intercepar os sintomas da resposta. Onde viste o equilíbrio e a intensidade nestes dois cantos? Pelo menos alguma migalha.

No facto de viver a unidade dentro do desígnio do Pai.

O que é que isso tem a ver? Desculpa, mas onde se fala do “desígnio do Pai” naquilo que cantámos? Onde é que está o desígnio do Pai naquilo que cantámos?

No facto que cada está no seu lugar

Identifica-o naquilo que nós cantámos, porque senão nós cantamos como se isso fosse simplesmente a decoração musical do gesto.

Em Il popolo canta la sua liberazione (O povo canta a sua libertação), no facto de cada um estar no seu lugar.

“Sinto a vida que me rebenta no coração”! E em *Along the Jordan River*, que fala assim dos discípulos: “Dentro, no fundo, um fogo arde dentro deles, aquece o seu coração”, [explode!] enquanto uma nova consciência cresce, sem Ele não conseguem perceber as coisas, dentro, no fundo, sabem que Ele é o Senhor”. Trata-se de uma unidade de tal modo potente que é origem do equilíbrio.

Ok, por isso a unidade, o equilíbrio...

Antes de alguma explicação, Jesus faz fazer experiência aos discípulos daquilo que depois eles, devagarinho podiam tornar-se conscientes. Também a nós nos aconteceu isto – é por isso que estamos aqui; se não nos tivesse rebentado de alegria o coração alguma vez, não estaríamos aqui –, nós vivemos agora a mesma experiência, dois mil anos depois, que os discípulos viveram no início. Mas permanece a pergunta que tu fizeste: existencialmente o que é que isto quer dizer? Os cantos, já nos deram uma sugestão. Se nós estamos atentos a tudo aquilo que fazemos nos nossos gestos, onde os cantos – insisto – não são uma decoração musical, somos ajudados a entrar nas entranhas do conteúdo do texto. A Escola de comunidade é um gesto em que tudo fala.

Impressiona-me como don Giussani e a Igreja, dão um significado tão amplo e verdadeiro às palavras que eu uso normalmente, de tal maneira que me parecem novas.

Veem? Com a experiência, as coisas tornam-se novas...

Ao ler o parágrafo do equilíbrio fui como que catapultada para o profundo de mim mesma. Sempre pensei que uma pessoa equilibrada é uma pessoa comedida, com uma grande capacidade de dosear as suas reações de modo pertinente à situação, uma pessoa sem divagações, uma pessoa que sabe mediar de modo justo, uma pessoa sem fixações, etc. Pelo contrário don Giussani “Ao falar de equilíbrio [...] não pretendo referir-me a uma estabilidade mecânica dos pratos da balança da vida, com as tensões e as paixões da existência, nem a um cálculo de compensação entre energias do instinto e da virtude [...] A origem do equilíbrio [...] é portanto a riqueza transbordante do Ser que [...] se apodera da humanidade e que é dada à humanidade para ser livremente acolhida como critério de vida” (pag 276-277). É este tomar posse da minha humanidade que dá origem ao equilíbrio de que fala? No outro dia estava no trabalho e tive uma grande discussão com um dos meus colegas porque me parecia absolutamente irrazoável uma decisão tomada. Acabou mal. Cada um entrincheirado nas suas ideias, no fundo com uma impossibilidade de compreensão. Os meus colegas presentes na discussão, diziam-me. “Tu é que tens razão. Estamos de acordo contigo”. Ao entrar no carro para voltar para casa estava cheia do que tinha acontecido e também amargurada, havia alguma coisa que não me tinha agradado em mim, que não me deixava tranquila. No entanto, chegaram-me várias mensagens de um parente meu que me deixaram sem palavras e me encheram de dor pelas dificuldades com que o filho se debate. Fiquei sem palavras, paralisada, quase indefesa; gostaria de fazer tudo por ele, gostaria de lhe tirar todas aquelas dificuldades e vivê-las eu... Mas depois pensei: a única coisa que eu desejo, no fundo, é que aquele rapaz possa ser feliz, e a dor é sinónimo de infelicidade? Naquele instante, fui dominada por uma intimidade com o Mistério e tudo em mim de repente se tornou diferente, como totalmente compreendido em profundidade, como se me encontrasse a viver novamente libertada. Voltou-me também todo o mal-estar e a amargura pelo que tinha acontecido no trabalho. Fiquei com pena que tudo tivesse acabado assim, no fundo não estava de acordo com os meus colegas e, se tivesse podido, teria voltado para trás naquele momento para perguntar a todos: “Porque é que nos zangámos tanto? O que temos a defender? O que há para ver que nós não vemos?”, como se tudo tivesse tomado outro aspeto naquele momento... “O equilíbrio propõe-se e revela-se como não parcialidade e não facciosismo no compromisso de si mesmo para atingir o ideal de uma plenitude pessoal” (pág. 277). É isto, dou-me conta que isto me interessa imenso... interessa-me poder viver, completamente, e não porque censuro alguma coisa de mim, porque diminuo alguma coisa, porque exaspero alguma coisa, mas porque há em mim uma alguma coisa de tal modo totalizante que me faz viver plenamente.

Ou seja, o equilíbrio não é simplesmente ser-se comedida, sem divagações, sem fixações. Este teu exemplo mostra-o: se te zangas no trabalho, não és sem defeitos, evidentemente. Mas de toda esta situação não saís simplesmente com um esforço, mas graças a uma experiência cheia da presença do Mistério: “Dominada por uma intimidade com o Mistério”, de repente, passas de te sentires amargurada, a sentires-te livre, tanto é verdade que não queres defender nada, não precisas de defender nada, e querias ter voltado atrás para dizer aos outros que tinhas visto as coisas com parcialidade e facciosidade. O equilíbrio de que fala a Escola de comunidade, experimentalmente, quer dizer isto. Para descrever o equilíbrio Giussani usa a palavra “superabundância”, esta torna-nos tão livres, que podemos ser desbloqueados de tudo aquilo que tantas vezes nos bloqueia. Livres não por uma estratégia, mas por uma superabundância. Mas qual é a origem desta perceção do viver?

No trabalho deste último período na Escola de comunidade eu e os meus amigos ficámos muito impressionados com o parágrafo sobre o equilíbrio, em particular quando don Giussani diz: “Viver o mistério da comunhão com Deus em Cristo faz aprender a ver todas as coisas em referência a um valor único, pelo qual todos os juízos e decisões começam a partir de uma única medida. [...] pelo que o eu se sente um com todas as coisas e em todas as coisas, até perante a morte” (pág. 276-277).

Quando lemos o que disseste na homilia do funeral da tua mãe: “Todas as vezes que parte uma pessoa querida, o que permanece é o descontentamento de não poder ir com ela” – dissemos: “No Carrón é evidente que Cristo é o máximo da plenitude que se pode desejar”. Esta posição põe-nos a nu, provoca-nos, encosta-nos à parede, obriga-nos a ser leais e a lidar com a nossa visão da vida, connosco próprios e com a morte. Qual é a estrada para chegar a esta consciência também e sobretudo naquilo que não compreendemos? Percebemos que se a nossa fé não chega até aqui, no fundo permanecemos agarrados a uma nossa ideia de como deveriam ser as coisas.

Daquilo que tu leste, *don Giussani* dá alguma sugestão de qual é a estrada para responder?

Antes de mais, don Giussani diz que há esta superabundância.

E a esta superabundância, como se chega?

Por um caminho de consciência.

Ou seja? Relê o trecho de *don Giussani* que citaste. Porque às vezes nós lemos, sem colher precisamente naquilo que estamos a ler, a resposta que estamos à procura.

“Viver o mistério da comunhão com Deus em Cristo faz aprender a ver todas as coisas em referência a um valor único, pelo qual todos os juízos e decisões começam a partir de uma única medida. [...] pelo que o eu se sente um com todas as coisas e em todas as coisas, até perante a morte” (pág. 276-277).

Só uma relação plena com Cristo é a estrada. Não é que uma pessoa tenha de se preparar para a morte com alguma técnica particular, prepara-se a morte vivendo a comunhão com Deus em Cristo. Pelo que, diante da morte de uma pessoa tão querida como a mãe, uma pessoa surpreende-se com esta autoconsciência, e não porque é um super-homem ou uma pessoa particularmente dotada. Não, simplesmente porque a familiaridade com Cristo tornou-se tão decisiva que já não há possibilidade de olhar para a realidade, de ver as coisas, senão em referência a este mistério da comunhão com Deus; por isso, uma pessoa não pode não pensar na morte se não como a possibilidade de participar mais – totalmente – naquela relação com Cristo que já começou a viver aqui. Por isso, a única pena é não ir já com ela, e não é porque se tem de fazer não sei que género de mortificação, mas pela experiência que vivo no presente. A estrada é esta que diz *don Giussani*: uma familiaridade com Cristo, que produz um fruto que uma pessoa encontra em si quase como uma surpresa. Todos os frutos da participação da vida da Igreja que *don Giussani* descreve não são uma coisa que nós conseguimos gerar, um nosso produto, um êxito de uma estratégia nossa, mas são – precisamente – frutos surpreendentes, derivados deste estar embebidos na vida da Igreja. Como aconteceu aos discípulos: desde o primeiro instante, “along the Jordan River”, o seu coração ardia como um fogo que lhes permitia uma nova consciência de si. Também a nós, quando começámos a participar num lugar como o Movimento, o coração explodia, a vida explodia dentro do coração. É só isto que pode consentir viver as coisas sem parcialidade, como se dizia antes, sem facciosidade no empenho consigo mesmo. Porque senão, no dia-a-dia, escreve uma pessoa no estrangeiro, quando uma pessoa está diante de um problema, como pode ser a preocupação pela saúde, prevalece uma ansiedade, que a torna angustiada. A única coisa que a tira desta angústia é uma relação com uma pessoa que cuida dela, e surpreende-se, porque a presença de Cristo torna-se tão potente, que se sente mesmo libertada.

Na parte da escola de comunidade sobre o equilíbrio diz-se que “o equilíbrio é uma riqueza, é aquela superabundância, da qual Jesus diz: “uma boa medida, cheia, recalcada, transbordante será lançada no vosso regaço”, referindo-se [...] àquilo que é dado por Deus a quem assume a misericórdia do Pai como critério de vida” (pag 276. Quando li, pensei nisto muito, procurando na minha experiência o que queria dizer.

Belo, isto! Finalmente a comparação com a nossa experiência começa a passar como método: antes de começar a dar voltas à cabeça, procurar na experiência onde posso identificar o valor das palavras que se leem.

Surpreendi-me a reconhecer sobre mim o critério da misericórdia na experiência da minha vocação: quando olho de novo os 30 anos de casamento não posso não reconhecer, com surpresa, Quem construiu dentro dos meus limites e do meu marido.

“Com surpresa”!

Não tenho que os negar ou fingir que não existem, tornaram-se instrumento de uma história guiada por um Outro. Se, no entanto, depois me detenho a olhar-me em ação na realidade de todos os dias, já não percebo o que seja este critério da misericórdia; parece-me que corresponda a uma grande amnistia, pela qual tudo, no fim de contas, se organiza num genérico e forçado “tudo bem” mesmo quando há arestas e contrastes, incompreensões e dores. É como se o equilíbrio fosse uma resignação... Mas, em particular para uma pessoa como eu, que tem um temperamento por natureza pouco conciliante, nesta amnistia eu não estou em paz. Então, penso que aquele equilíbrio de que nos fala o Gius, seja outra coisa. Podes ajudar-me a perceber o que seja este critério da misericórdia usado na quotidianidade?

E tu, quando te surpreendeste, depois de 30 anos de casada, a ter tido esta experiência, quando te vem a tentação de o perceber como uma amnistia, ou como uma resignação, que resposta podes dar precisamente a partir daquela experiência?

Pois, custa-me ter unidas estes dois níveis.

Exacto, porque fazemos uma experiência de equilíbrio, depois surge uma pergunta, justa, muito justa, (porque às vezes parece que este equilíbrio seja de novo uma balança, uma resignação, uma amnistia, como se tudo fosse igual), mas a experiência que nós vivemos não nos serve para enfrentar isso. Na experiência que tiveste, há já um aceno de resposta: todos estes anos de casamento em que viveste, estes trinta anos podes explica-los como uma amnistia?

Não!

Estás a ver? Mal te aperto para na experiência julgares a tua pergunta, responde: “Não!” É uma resignação esta paz que viveste?

Não!

“Não!” Não teria sido possível. Trinta anos assim era impossível. Terias explodido!

Exacto.

Por isso o equilíbrio não pode ser uma resignação. É muito interessante isto, porque não é que não nos possa ocorrer às vezes certas perguntas, ou certas indisposições, mas devemos enfrentá-las e ajuizá-las. Não podes ir para a cama sem ajuizar e é ou não foi uma amnistia o que tu viveste durante trinta anos, se foi uma resignação o que viveste durante trinta anos. Porque senão é como se deixássemos proliferar o vírus, sem o atacar, e depois deixamos as coisas andar. Mas na tua experiência, o vírus foi vencido, tens de tomar consciência disso! E então dás-te conta que não é amnistia nem resignação, porque – “pão-pão, queijo-queijo”, não temos de estar aqui a inventar –, mesmo com um temperamento pouco conciliador, tu viveste trinta anos de equilíbrio. “Com todos os meus limites e os do meu marido”, como disseste, sem te pouparem em nada, tu viveste um equilíbrio. A misericórdia faz parte daquilo que nós repetimos noutras ocasiões: vivendo uma pessoa encontra em si mesma esta superabundância, pela qual “sublinha-se o positivo. ainda que no seu limite, e abandona-se tudo o resto à misericórdia do Pai” (L. Giussani-S. Alberto-J. Prades, *Generare tracce nella storia del mondo*, Rizzoli, Milano 1998, p. 159). Começa-se a ter um olhar cheio de misericórdia, conscientes de que o desígnio de Deus se cumpre no tempo, não de uma vez por todas. É uma estrada que se faz, mesmo cheios de limites.

É surpreendente como não obstante as minhas resistências, Ele volta sempre a tomar-me de novo. Lendo o parágrafo sobre o equilíbrio eu disse: “Ok, tudo bem, depois da santidade e do milagre, esta é fácil; percebi o que quer dizer com equilíbrio, ou seja, aquele “mais” que só o viver dentro da relação com Cristo me pode dar”. Neste período, no entanto, (e não por acaso) estou a ter dificuldade em fazer experiência do que quer dizer viver a relação com Cristo. Sobretudo custam-me muito algumas relações onde digo: “mas nesta relação porque não te vejo, Senhor?”. Percebo que eu estou

toda dentro desta relação, sem a qual não poderia sequer dizer o meu nome. Mas sendo uma relação, é-me pedido vivê-la, não “percebê-la”. Tal como acontece na relação com o meu marido. Para que me serviria percebê-la e basta? Eu desejo vivê-la. Acontece que um meu grande amigo adoece gravemente e eu imediatamente, diante disto, fiquei zangada, porque pensava que não era justo. Pensa que, durante quase um mês, nem sequer consegui ir vê-lo, estava muito zangada com Deus.

Acontece de tudo, na complexidade da vida. Não é preciso assustar-se.

Depois um dia, ao fazer Escola de Comunidade, retomámos a intervenção da última vez, onde se dizia que tudo, tudo, mesmo o limite, a tristeza, tudo pode ser ocasião da minha relação com o Mistério. No fim, a chorar, vou ter com uma amiga, e digo-lhe que estava muito zangada por causa desta doença do nosso amigo. E ela repete-me que tudo, mesmo o meu estar zangada, podia ser ocasião de relação com Cristo e que não importava como estava, mas importava ir até ao fim da coisa. Assim, depois de alguns dias, enchi-me de coragem e escrevi ao meu amigo tudo aquilo que vivia relativamente à sua doença, a minha zanga, e ele até me agradeceu! Incrível. Disse-me que era um espetáculo que eu lhe pudesse falar assim, que fosse eu própria e que me jogasse naquela relação com ele daquela maneira. No sábado seguinte convida-me a ir a sua casa com alguns amigos para cantar. Não podes sequer imaginar a beleza das músicas cantadas juntos, improvisadas, mas mais bonitas de que às vezes quando as preparamos! Ali, naquela tarde juntos, tornou-se para mim evidente o que é o equilíbrio de que fala o texto. Um “mais”, uma superabundância, da qual eu sou objecto. Para me dar conta disso, tive de permanecer naquela relação, mesmo zangada como estava, mas dentro daquela relação. Nada, claramente, se resolveu, não passou nem um bocadinho a dor pelo meu amigo, nem a sua própria dor, mas, dentro desta relação com Cristo, tudo para mim é mais verdadeiro.

É a estrada de que se falava antes. Não é porque já que começámos esta estrada, então são-nos poupados os “embates” da vida. Se não O vemos vencer em todas as vicissitudes da vida, se ficamos derrotados nestas vicissitudes, mais tarde ou mais cedo tornamo-nos cépticos, e então tudo bem quando estamos na Escola de comunidade, tudo bem quando estamos com os amigos, mas depois diante dos desafios... É por isso que Deus não no-los poupa, é a única forma para podermos ver a vitória de Cristo. Por isso, ou começamos a amar a nossa humanidade assim como é – “como é humana a minha humanidade! –, que se zanga, que não se resigna, que não faz amnistias diante do que não percebe, mas que é leal até ao fim consigo própria, senão é o fim, estamos acabados. É ali, exactamente diante àquela tua dor, que começa o belo, porque, como nos sugere *don* Giussani, é uma oportunidade também esta de viver a relação com Cristo: “Viver o mistério da comunhão com Deus [...] ensina-nos a viver todas as coisas” a partir desta relação. Não é que antes tenhas de resolver o problema da zanga e depois começar a relação com Cristo; tu relacionas-te com Ele com a tua zanga, assim como és, com a tua humanidade, com as tuas feridas, com as tuas impaciências, com as tuas dificuldades, e é ali que acontece a surpresa: uma superabundância. Se nós a conseguíssemos gerar, para que precisaríamos d’Ele? A superabundância aparece no meio da dor, e não porque as coisas improvisamente correm bem, mas porque está Cristo; ainda bem que Tu estás, ó Cristo, e eu, seja qual for a situação, posso entrar em relação conTigo. “A origem [a origem, que nunca devemos perder] do equilíbrio da santidade [como já lemos] [...] é [esta] riqueza transbordante do Ser [esta superabundância; vejam que palavra usa *don* Giussani] que [...] se apodera da humanidade” (pag. 277). Se apodera da zanga da nossa amiga, da sua humanidade, e a faz mudar de atitude diante dos colegas; tanto que quereria fazer marcha atrás e voltar a ir ter com eles. Se apodera da zanga porque um amigo adoece. Se apodera da zanga da outra amiga que tem dificuldade em distinguir equilíbrio da resignação. Faz-nos de novo escancarar o olhar, libertando-nos da nossa facciosidade, da nossa forma parcial de viver as coisas. Mas uma pessoa queria chegar lá logo – verdade? – e surpreende-se de que a sua vida seja uma flutuação.

Conto-te um facto pequeno, mas que me pôs de novo em caminho. Há umas semanas, uma colega feriu-me, medindo-me injustamente. Eu mergulhei num buraco negro, perdendo o meu rosto. Perguntava-me: “Mas então, eu quem sou, se ela só vê isto de mim?!”. Comecei a perguntar às colegas com as quais tenho mais relação: “Mas vocês veem isto de mim?”, piorando cada vez mais a situação.

Atenção! É muito bonita esta passagem: uma pessoa pensa sai do rolo usando a sua própria estratégia e vê-se pior do que antes.

De facto...

“De facto”!

De facto não só comecei a medir-me eu (procurando evitar certas maneiras de fazer, para não me enfrentar), mas comecei a medi-la também a ela e à sua maneira de fazer.

Perfeito!

Resultado: ofendida e entristecida. E já não sabia de onde recomeçar. Depois li o trecho que diz: “a origem dessa riqueza é uma consciência decididamente orientada para Deus [...] faz aprender a ver todas as coisas em referência a um valor único, pelo qual todos os juízos e decisões começam a partir de uma medida única [...] uma só Realidade como critério e medida e modos investe com a sua luz todas as coisas, pelo que o eu se sente um com todas as coisas e em todas as coisas” (pag 276-177). Lendo estas linhas, dei-me conta do que desejava, isto é este olhar, mais do que qualquer outra coisa, mais que aquela medida, porque a minha tentativa de me analisar, a mim e a ela, me tinha deprimido! E reconheci que na minha vida aquele critério único já existe num lugar com rostos precisos. Com efeito, naqueles dias, quando voltava sufocada ao apartamento, a verdade com que olhávamos algumas questões restituía-me o meu rosto e renascia o desejo de olhar tudo com aquela verdade, até mesmo a minha colega! Porém, dentro deste reconhecimento, acontece-me viver ainda uma flutuação, up and down, momentos de liberdade e momentos de bloqueio; por isso queria perguntar-te: como é possível partir de novo, em cada momento, daquele critério único.

Antes de mais, o que é que quer dizer “a flutuação”?

Que às vezes sou livre e às vezes fico bloqueada.

Por isso, já há momentos em que és livre.

Sim.

Ou seja, já existe esta liberdade na tua experiência. Quanto ao resto, onde ainda te falta esta liberdade, é uma ocasião para verificares se aquilo que já viveste em algum momento da tua experiência te serve para que tu possas alcançar uma certeza que isto não vale só para algumas situações, mas para tudo, segundo um critério único. Tu agora usaste uma frase da Escola de Comunidade: “A origem dessa riqueza é uma consciência decididamente orientada para Deus” (pag 276). Demo-nos conta que *don Giussani* está a pôr, constantemente diante de nós o único critério: uma relação. Chama-lhe “consciência decididamente orientada para Deus”, “viver o mistério da comunhão com Deus”, “a riqueza transbordante do Ser”, a relação com o Ser; são tudo formas diferentes de descrever este critério, o mesmo critério com que começou a história “*along the Jordan river*”, junto ao rio Jordão: aqueles dois viveram uma relação com Alguém que introduziu na história para sempre esta paixão, este fogo que arde dentro do coração, e do que nós continuamos a participar; de facto sentimos a vida que rebenta dentro do coração. Isto está ao alcance de qualquer um de nós, não depende do temperamento ou de uma estratégia, mas de quanto nós participamos desta relação, de quanto cresce em nós uma consciência “decididamente orientada para Deus”, “Não é [...] o equilíbrio que se alcança através de técnicas destinada a dosear sabiamente as forças em jogo; [mas] é o equilíbrio do *homo viator* [do homem em caminho, é uma dinâmica destinada a tornar o caminho mais concreto e completo e a tornar mais plena a peregrinação nesta terra, porque se veio pôr ao nosso lado, caminhando connosco, Aquele cuja plenitude explica a vida, e a distribui às mãos-cheias. ‘Não nos ardia o coração enquanto Ele nos falava pelo caminho?’” (pag 278). Se aos discípulos de Emaús tivesse sido poupada aquela tristeza depois da Sua morte, aqueles voltar a casa desiludidos – “Nós esperávamos que..., mas...” – tendo-O encontrado ao longo do caminho não se teriam surpreendido em si mesmos aquela experiência única: “Não nos ardia no peito o coração quando conversava connosco ao longo do caminho?”. Por isso, a única questão é se nós estamos atentos. Porque é que é importante estar atentos? Porque “uma pessoa pode passar ao lado do milagre, do equilíbrio humano, da intensidade da experiência da santidade na Igreja [onde Cristo age] com uma atitude de perfeita estranheza [sem o ver, e não porque não acontece, mas pela nossa estranheza]. Isto significaria, porém, não ter querido passar as características da Igreja

pelo crivo da experiência pessoal autêntica” (pag 279). Giussani ajuda-nos nisto: “Para ver [para ver; não se trata de imaginar-se aquilo que não está, mas de vê-lo, de se poder dar conta de alguma coisa que está], e para crer os olhos [os olhos, não a imaginação, não a fantasia, não os sonhos: os olhos!] têm de saber pousar sobre o seu objeto com um olhar animado por um mínimo de capacidade simpatética” (pag 279). É aqui que se joga tudo, nesta simpatia que nos faz intercetar a Sua Presença nestes sinais, nestas características da santidade cristã que são os frutos da Sua Presença, que tantas vezes nos escapam. Esta é a condição – diz Giussani –: não é preciso uma particular capacidade para intercetar estes sinais, basta esta simpatia, que é “a condição natural de todo o conhecimento [...] ‘O amor dá olhos para ver: o próprio facto de que se ama faz ver’ (pag 279). É o contrário de qualquer moralismo, de qualquer autoconvencimento, de qualquer estratégia. É fácil: basta amar para ver, porque o milagre é a modalidade com que Deus toma conta de nós. Viram-nos sobretudo os nossos amigos de Florença, na Caterina Morelli, uma amiga pertencente à Fraternidade que morreu recentemente. Depois do funeral, um deles escreveu-me: “Impressionou-me como a Escola de Comunidade me esteve não só presente nestes dias, mas como sem ela, teria perdido tantas das coisas que, pelo contrário, vi”. É esta a ajuda que nos dá a Escola de comunidade: não nos faz inventar coisas, mas oferece-nos a possibilidade de nos pormos na atitude justa para ver o que está a acontecer (o nosso amigo diz: “Vi”, não: “Imaginei, criei, autoconvenci-me”, mas ”Vi”). “A santidade: penso tenha sido a coisa mais evidente para todos. Confortou-me muito estar diante da Caterina a pensar estar diante de uma santa. Isto obviamente não tirou a dor, nem a pergunta, nem a desproporção daquilo que tinha acontecido [de tal modo não era inventado, não era uma ficção], mas diante daquele corpo uma vez doente (doente: uma coisa que o mundo recusaria, deitaria fora, sufocaria) ecoavam triunfantes os sinais da santidade, como nos está a ensinar *don* Giussani neste período. O milagre: ninguém pode dizer que não aconteceu um milagre, desta vez verdadeiramente longe de cada imaginação. Nos dias, meses, anos [não foi só um momento de exaltação coletiva, de ilusão geral; uma ilusão geral não pode durar dias, meses, anos], passados, todos rezámos sempre por “uma outra coisa”, porque – não brinquemos – todos esperávamos um sinal potente do céu que mudasse o exonerável fim, mas todos ficámos diante de uma coisa nunca vista, inimaginável um momento antes: o milagre de um povo que acordou [acordou!], que se moveu, que começou a pedi, também para si um bocadinho daquela coisa grande que estava a acontecer naquela rapariga. O equilíbrio: diz-nos *don* Gius que o equilíbrio não é uma estabilidade da vida, mas uma riqueza que pode nascer só da superabundância das coisas que foram dadas. Eis, então, que a Caterina fez-nos ver que a vida equilibrada, isto é a vida unida, vem somente do abraço das coisas que nos acontecem: quem não quereria viver as pequenas coisas e grandes batalhas, tendo nos olhos o olhar da Caterina? Quem não deseja para si este olhar capaz de abraçar a vida e a morte? A intensidade: isto percebi-o bem só no funeral; uma intensidade de relações geradas, de vida vivida, também de enorme dor, uma intensidade rasgou os Céus e nos fez perceber com os olhos cheios de lágrimas que a vida não pode acabar quando o corpo adoce, quando o coração deixa de bater”. Por isso “a vontade de Deus torna a vida não apenas suportável, mas torna-a plena, perfeita porque entregar-se à vontade de Deus é a única coisa que conta na vida e os Santos são um ponto luminoso numa noite escura. ‘Eu nunca te esquecerei’”. Isto é aquilo que nós podemos ver, quando aceitamos que prevaleça aquela simpatia, aquele amor por aquilo quer estamos a ver acontecer diante dos nos nossos olhos. Mas há uma última pergunta que me mandou uma pessoa que não pôde vir por motivos de trabalho e que eu relanço: “O que é que entende *don* Giussani com a palavra “intensidade”?

Eu não sei bem o que é que está a acontecer na minha vida. Encontrei o movimento há muitos anos, posso dizer que vivi uma vida intensa no movimento, uma experiência intensa no movimento, tive a sorte de encontrar pessoalmente don Giussani, depois licenciiei-me, casei-me, tenho uma bela família, também tenho uma carreira discreta. Passei tantos anos de esquecimento, em relação a alguma coisa de outro. No entanto fiquei sempre por aqui, agarrado às pessoas, (à minha mulher, aos meus amigos próximos), que o Senhor me pôr junto de mim. Hoje vivo uma verdade e uma consciência que eu tinha

quase esquecido. Digo “quase”, porque, no fundo, não se pode esquecer quando se encontra. Hoje tudo nos meus dias está determinado, está impregnado pela Sua presença. Não há momentos que não o estão. Agora, não me aconteceu nada de extraordinário, não é que, voltando a casa do escritório tenha caído do cavalo até porque vou de carro, na Tangenziale, não pode acontecer! –, mas tudo nos meus dias é excepcional. Dia após dia. Fazendo o quê? Simplesmente seguindo o movimento, não fiz outra coisa. E podia contar tantos episódios: da relação com os meus filhos, como mudou; do olhar da minha mulher; da relação com o meu chefe; da curiosidade que os meus colegas têm quando me veem de manhã, antes de trabalhar, num canto do escritório a ler a Escola de comunidade (começa por isso um diálogo) –, com um único denominador comum: Jesus, é Cristo. Não é outra coisa. A minha vida está inevitavelmente, milagrosamente, envolvida com Ele. Depois da discussão, porque Deus usa tudo, nasceu um esplendido diálogo com uma das minhas filhas que é adolescente. Depois deste diálogo, durante o dia, escreveu-me: “Obrigado, pai. Foi belo, verdadeiro e útil”. Ora, alguma coisa de verdadeiro só é possível se estás diante daquela Presença. E útil porque me serve para mim, por isso, sigo-O, como nestes anos. E juro, eu não me decidi mudar a mim próprio, imagina se sou capaz de mudar as circunstâncias, são as de sempre, as alegrias, as zangas, as dificuldades, os riscos (porque a vida está cheia de riscos). E, no entanto neste momento, a única coisa que me está clara é que estando diante desta Presença, estando agarrado a esta Presença, nada me mete medo. Pode-me acontecer qualquer coisa, mas nada me mete medo. Acrescento: nem sequer a morte. Porque diante do pensamento sobre a morte antes, mesmo se do CL, um mínimo de angústia tinha-a, talvez não angústia mas ao menos preocupação. Agora já não!

É esta a intensidade que pode adquirir a vida. Tem uma origem que quase tinhas esquecido, mas que agora domina o teu dia. O que é preciso? O que é que produziu esta excepcionalidade? Simplesmente, o facto de seguir o movimento. Mas nós acreditamos ainda que seguir com esta consciência o movimento pode levar a vida a uma intensidade assim? Uma intensidade pela qual uma pessoa se surpreende que em tantos episódios e factos, o denominador comum, o que lhes dá a unidade, o critério único, é Cristo, com o qual a vida está totalmente implicada. Por isso a conversão não é uma decisão de me mudar a mim, de me produzir uma mudança a mim mesmo, é simplesmente surpreender o meu eu mudado seguindo um Outro. O que quer dizer esta intensidade? Diz don Giussani: “é uma tensão “em direção a” [...] [é uma] “tensão”, porque se a intensidade é uma riqueza, esta riqueza flui dentro de ti, a partir de qualquer coisa que te abre, à qual tendes, para a qual estás em tensão [aquela Presença para a qual tendemos] [...] Para o que é que devemos estar em tensão, para que flua em nós esta riqueza que nos torna intensos? [...] Uma riqueza é tal enquanto se sente e vive a própria existência *destinada a*; gostaria de tocar pela primeira vez aquilo que dissemos: em tensão para o quê? Para ser intensos, devemos estar em tensão para o quê? [...] A intensidade [...] é o estremecimento pela glória de Cristo. A glória de Cristo é Cristo que se revela a cada olho, a cada olhar, a cada coração como a consistência de cada coisa. Isto não só não nivela ou planifica todas as coisas, quase como se tivessem um rosto homogéneo, mas em cada coisa se exalta a individualidade irreduzível, a personalidade irreduzível” como vimos. Que esta intensidade possa vibrar em nós como vibra em ti pela tua filha e pelos colegas; e como vibrou na amiga que queria voltar a ir ter com os colegas para lhes dizer o que lhe tinha acontecido. A intensidade é esta “paixão pelo mundo, o estremecimento porque os homens não conhecem Cristo [...]: “porque Cristo não é reconhecido” (L. Giussani, *Vivendo nella carne*, BUR, Milano 1998, pp. 258, 259, 261), e então temos dentro uma tensão para O comunicar. Mas porque é que uma pessoa tem esta tensão para O comunicar? Porque nos foi dada gratuitamente e urge dentro de nós; a vida é de tal modo bela, que uma pessoa a quer comunicar aos filhos, aos colegas e aos que encontramos pelo caminho! Esperemos que possamos comunicar esta intensidade, que não é outra coisa senão a vitória de Cristo na nossa vida; neste momento em que domina o medo, em que a confusão vence, em que o niilismo parece levar a melhor, nós encontrámo-nos aqui esta noite a falar desta riqueza transbordante do Ser e da vida, que acontece quando uma pessoa simplesmente segue aquilo que lhe aconteceu.

A próxima Escola de comunidade será quarta-feira 20 de março, às 21h00.

Depois de termos trabalhado sobre a unidade e santidade, agora faremos os outros dois “frutos” da presença de Cristo na vida da Igreja: a catolicidade e a apostolicidade.

O número da *Passos (Tracce)* de fevereiro tem como título: “A aventura do diálogo”. No contexto em que vivemos, em que tudo pareceria determinado sobretudo, ou somente, pelas reações, podemos olhar a experiência em ação de tantas pessoas que reconhecem a necessidade de um diálogo precisamente a partir do que temos em comum. Podem surpreendê-Lo em tantos factos descritos nesta *Tracce*, em particular os acontecimentos no Egito, como motivo da apresentação de *A Beleza desarmada* (BUR) na biblioteca de Alexandria. É espantoso que este gesto, quase não programado, mas que aconteceu assim, tenha acontecido um mês antes do que vimos o Papa fazer em Abu Dhabi: um diálogo com um mundo que pareceria estranho, e que, pelo contrário promoveu e acolheu uma iniciativa, como a que vimos em Alexandria.

Dentro de 15 dias começa a Quaresma. Em cada ano, a Igreja propõe-nos este tempo como ocasião para agarrar a nossa vida, os nossos dias e para que cada um se possa perguntar: “Estou a seguir Jesus na história em que se me apresentou? Em que sinais vejo que O estou a seguir?” Usemos este tempo que nos é oferecido e alargar-se-á o horizonte.

Veni Sancte Spiritus